



ATA N.º 64/XII-4º/2020-21

1 - Aos 25 dias do mês de abril de dois mil e vinte e um, pelas 09H00, nas instalações do Auditório Fernando Lopes Graça do Fórum Romeu Correia, em Almada, realizou-se a Sessão Solene da Assembleia Municipal Comemorativa do 47º Aniversário do 25 de Abril de 1974.

2 – Instalou-se a Mesa constituída pelo Presidente José Joaquim Leitão, pelo 1º Secretário Paulo Viegas e pela 2ª Secretária Ana Paula Silva.

3 - Fez-se a chamada dos/as Senhores/as Deputados Municipais, tendo-se verificado quórum.

3.1 – Responderam à chamada os seguintes Senhores/as Deputados/as Municipais:

José Joaquim Machado Courinha Leitão; Ana Margarida Machado da Silva Lourenço; Ivan da Costa Gonçalves; Ana Marques Serra e Moura Salvado; João Ricardo Lourenço Quintino; Paulo Filipe Pereira Viegas; Vítor Manuel dos Santos Castanheira; Henrique Alexandre Margarido de Almeida; Ana Paula Alves da Silva; Débora Figueiredo Carvalho Rodrigues; José Manuel Maia Nunes de Almeida; Carlos Manuel Coelho Revés; José Alberto Lourenço; Eva Sofia Gomes; João Eduardo Alves de Moura Gerales; Sónia Tchissole Pires da Silva; Ana Luísa Abílio Rodrigues de Carvalho; Maria Luís Casanova Morgado Dias de Albuquerque; António Francisco Salgueiro; Augusto António Brinquete Proença; Marina Alexandra Pereira Lopes; Inês Pezarat Correia Bom; José António Espírito Santo Rocha; Fátima Maria da Silva Nogueira Marras; Artur Jorge de Jesus Alfama; António Pedro Rodrigues do Livramento Maco; Pedro Miguel de Amorim Matias e José Ricardo Dias Martins.

4 - Foi aberto o período de Antes da Ordem do Dia apenas para efeitos de substituição de Membros da Assembleia Municipal.

4.1 - Nos termos e para os efeitos do nº 3, do artigo 40º, do Regimento da Assembleia, registaram-se os seguintes procedimentos:

4.1.1 - Do Senhor Presidente referindo as comunicações do Senhor Deputado Municipal Sérgio Bastos Faria (PS); do Senhor Deputado Municipal Bruno Ramos Dias (CDU); da Senhora Deputada Municipal Elisabete Peres Pereira (CDU); do Senhor Deputado Municipal Nuno Gonçalves (CDU); do Senhor Deputado Municipal Daniel Sobral (CDU); do Senhor Deputado Municipal Carlos Guedes (Ind.) e da Senhora Deputada Municipal Sílvia Sousa (Ind) informando da impossibilidade de estarem presentes.

4.1.2 - Nos termos legais e regimentais aplicáveis tomou posse o Senhor Deputado Municipal Pedro Pereira (PS).

4.2 - O Senhor Presidente da União de Freguesias da Almada, Cova da Piedade, Pragal e Cacilhas comunicou a impossibilidade de estar presente nesta sessão, o Senhor Presidente da União de Freguesias do Laranjeiro Feijó comunicou a impossibilidade de estar presente nesta sessão, sendo substituído pela eleita Anabela de Matos Tavares; a Senhora Presidente da União de Freguesias Caparica Trafaria comunicou a impossibilidade de estar presente nesta sessão, sendo substituída pela eleita Patrícia Mónica Brito.

4.3 - Feitas as substituições ao abrigo das disposições legais e regimentais, registaram-se as faltas justificadas dos Senhores/as Deputados/as Municipais Bruno Dias (CDU), Elisabete Peres Pereira (CDU) e Sílvia Sousa (Ind.). Registaram-se ainda as faltas não justificadas dos Senhores Deputados Municipais Nuno Gonçalves (CDU); Daniel Sobral (CDU); Carlos Guedes (Ind.)

4.4 - O Senhor Presidente informou ainda o plenário da presença do Senhor Vereador Luís Filipe Pereira em substituição da Senhora Vereadora Joana Mortágua.

5 – Deu-se início ao período da Ordem do Dia para as intervenções alusivas ao evento, tendo usado da palavra por tempo igual para todos, tal como acordado na conferência de representantes, os/as seguintes Senhores/as Deputados/as Municipais: António Pedro Maco (CDS-PP), Artur Alfama (PAN), Inês Bom (BE), António Francisco Salgueiro (PSD), Ivan Gonçalves (PS) e João Gerales (CDU). Usaram também da palavra o Senhor Presidente da Assembleia Municipal e a Senhora Presidente da Câmara.

5.1 – O Senhor Deputado Municipal António Pedro Maco (CDS-PP):



MUNICÍPIO DE ALMADA Assembleia Municipal

“Senhor Presidente, Senhores/as Deputados/as Municipais;

Neste dia que comemoramos mais um aniversário do 25 de Abril, daquela que é a liberdade, o CDS não pode deixar de recordar quer aqueles que pereceram com esta pandemia, quer homenagear todos aqueles que têm feito muito esforço, nomeadamente os profissionais da saúde, para que ultrapássemos o mais rápido possível este flagelo.

Depois também porque falamos em liberdade, o CDS quer deixar aqui algumas palavras de esperança e porque essa liberdade custa, e porque essa liberdade ainda é vivida noutras partes do mundo com muita dificuldade e aqui quero vir falar e recordar o povo de Moçambique. Aquele povo que esperemos que daqui a uns tempos também esteja a recordar e a implementar aquela liberdade que está neste momento castrada.

Com o 25 de Abril de 1974, Portugal, em primeiro lugar, com o caminho da verdadeira liberdade no horizonte, definiu como objetivo primordial a concretizar na sociedade portuguesa, descolonizar, seguindo-se a democratização e por fim, o desenvolvimento do país.

Este processo, em consequência da revolução colocada em marcha pelos militares e com a anuência do povo português, ficou conhecido como os três D's. Os três D's que iriam mudar para sempre o país.

A guerra nas colónias terminou, as tropas regressaram a Portugal, os jovens militares regressaram a casa para as suas famílias e libertaram-se povos para exercerem por vontade própria a sua autonomia e a sua independência. Aos ex-combatentes, muitos deles militares de Abril e de outras datas em defesa da liberdade, não se deve deixar de prestar a sentida homenagem, quer de um lado quer do outro, a todos aqueles que se cruzaram numa guerra desnecessária e inconsequente.

Contudo, apesar dos conflitos armados e das tensões na altura entre a denominada metrópole e as denominadas colónias, Portugal e os países africanos que estiveram sob o seu governo, emitiram e concertaram esforços para conduzirem políticas que levassem a normalização das relações e do compromisso do seu desenvolvimento e prosperidade, alicerçado nos valores das sociedades modernas, livres de ditaduras e livres da opressão à determinação de cada povo.

Do decorrer dessa cooperação o D de Descolonização, de entre outras tantas, resultou a CPLP, instituição fraterna que aproxima os povos, agora numa lógica de igualdade e de parceria para o desenvolvimento e para a prosperidade de nações com uma história que se confunde numa só.

Por último, mas não menos importante e que permitiu o acesso ao conhecimento, a educação, ao emprego, a habitação, a saúde, aos apoios sociais e a tantas outras oportunidades colocadas ao dispor dos portugueses, o Desenvolvimento. Este terceiro D, veio trazer e apresentar um Portugal uma maior modernização, uma maior competitividade e mais desenvolvido.

Portugal abria-se assim ao mundo, e sobretudo, a uma Europa progressista no que respeita aos valores da liberdade e da democracia ocidental, esperançosa em construir um caminho único, em conjunto e no desígnio da modernidade.

Foi com essa integração que Portugal deu um passo gigante para o desenvolvimento e para a maturidade política e social, juntando-se desse modo, aos países que caminhar em busca da prosperidade económica e da solidificação das democracias representativas e pluralistas.

O país avançou, convocaram-se eleições ao longo de mais de quatro décadas, o povo saiu à rua, manifestou-se, gritou, cantou e celebrou com alegria a liberdade sem medos e sem perseguições perturbadoras dos seus valores e princípios democráticos.

Aprendemos ao longo dos anos a substituir a força pela palavra e arma pela caneta, ao mesmo tempo que nos iam libertando dos preconceitos ideológicos e reaprendíamos a viver em comunidade.

Chegados até aqui, e quase a fazer meio século da revolução dos cravos, seria importante refletirmos no que foi feito, no que se conquistou, nos caminhos trilhados com muito suor e muitas horas e muitos sacrifícios



despendidos em nome do país e dos portugueses, para que este terceiro D de Desenvolvimento, quase cinquenta anos depois, tivesse cumprido o seu dever.

Em 47 anos muito mudou desde aquela madrugada de 25 de Abril de 1974, na certeza, porém, que o caminho esta sempre em andamento, todavia, cada vez mais exigente.

E preciso dar capacidade as instituições públicas e privadas para que as mesmas em consonância, possam dar continuidade a uma sociedade de oportunidades, uma sociedade dos valores fraternos, caminhando lado a lado para o bem-estar dos portugueses, concretizando o muito que ainda não foi feito e que muitos há 40 anos sonharam.

E se o sonho e uma constante da vida, esse sonho deve ser alimentado com o combustível da esperança de um país melhor e mais justo onde todos terão oportunidade de mostrar o seu valor ao mesmo tempo que o Estado deve garantir aqueles que mais precisam, tudo aquilo que ainda esta por cumprir: um melhor acesso a saúde, habitação condigna, a estabilidade profissional, mais segurança para aproveitarmos o espaço publico e proteger a nossa propriedade e os nossos pertences, uma educação e um ensino superior ao alcance de todos e sem condicionalismos mas com liberdade de escolha. Ainda uma cultura com qualidade e de acesso a todos, menos assimetrias entre regiões, mais equidade e melhor qualidade nas escolhas.

Tal como o país, também Almada e os almadenses devem dar continuidade ao seu caminho solidificando a democracia e os valores da democracia, da liberdade procurando cuidar da sua terra e contribuir para o seu desenvolvimento.

Almada, terra de liberdade, onde se deve dar seguimento a transformação do Concelho para a modernidade, para o desenvolvimento, para solidificar um município de oportunidades, acolhedor e humanista.

Posto isto, e em nome da verdadeira liberdade e dos valores democráticos, Almada e os almadenses devem rejeitar totalitarismos, experimentalismos populistas, intolerância e indiferença, e regimes aos quais os povos por esse mundo fora disseram não.

Vivemos num tempo de paz e de harmonia, mas as sociedades não podem adormecer ao sabor do inconformismo, pois a intolerância, o desprezo e os perigos que ameaçam o espirito de Abril e todos aqueles momentos em que foram rejeitados contra regimes opressores, espreitam ao virar da esquina ameaçando a própria liberdade.

47 anos depois, ontem, hoje e amanhã, continuamos a dizer

VIVA, MAS VIVA SEMPRE A LIBERDADE!"

5.2 – O Senhor Deputado Municipal Artur Alfama (PAN):

“Senhor Presidente, Senhores/as Deputados/as Municipais;

Nenhum de nós ousaria imaginar, há escassos dois anos, a situação em que hoje nos encontramos. A estreita interligação existente entre as espécies que habitam o planeta e a sistemática e indiscriminada predação de uma delas que tem originado a destruição sem precedentes de inúmeros ecossistemas conduziu e conduzirá, inevitavelmente a cenários iguais ou piores àquele com que atualmente nos confrontamos.

Neste contexto, vivemos uma assinalável euforia com mais um plano da velha e falida economia, sugestivamente denominado de plano de recuperação e resiliência que não prima pela mudança da forma como nos vemos e nos relacionamos com aqueles que connosco coabitam. Este plano, que poderia ser uma oportunidade para promover uma efetiva mudança na mundividência dominante e para celebrar uma verdadeira solidariedade intergeracional, fica muito aquém desse desiderato, representando uma preciosa oportunidade perdida. Continua viciado pela mesma visão de que as práticas produtivistas e extractivistas, onde o ser humano tem a ousadia de querer impor a ditadura dos seus caprichos à Natureza, são o caminho para o crescimento económico, confundindo-o com desenvolvimento e comprometendo, uma vez mais, recursos que deixarão de estar ao dispor das gerações futuras, cada vez mais desesperadas por verem a sua liberdade ameaçada, mas



MUNICÍPIO DE ALMADA Assembleia Municipal

também atentas e conscientes, como é bem prova o sucesso das Greves Climáticas Estudantis, a cujas preocupações nos devemos associar e cuja ação temos de saudar.

Porque não há liberdade sem sustentabilidade e mesmo essa já se afigura insuficiente. Só é livre o território que aposte na resiliência, na regeneração e na independência. Que promova a autonomia energética das suas populações, que reduza drasticamente a sua pegada carbónica incentivando práticas de alimentação saudável e sustentável, que fomente as formas de mobilidade suave, possibilitando aos cidadãos chegarem tão rapidamente quanto possível onde pretendem, sem que tenham de fazer uso do transporte automóvel. Porque a Liberdade também se conquista através da Mobilidade. A ditadura do automóvel embrutece, descaracteriza, individualiza e oprime. Mas também neste particular, há ainda uma revolução por consumir.

Por outro lado, Abril deveria ter-nos já ensinado a conviver bem com a diversidade, nas suas mais variadas formas, seja de etnia, género, orientação sexual, condição física ou mental, espécie ou credo religioso. Entender que a Liberdade é um profundo exercício de tolerância e de responsabilidade, de respeito pela opinião e condição alheias, de direito à divergência e à existência. De compreensão que a nossa Liberdade termina onde começa a dos outros e que há valores que não podem, em circunstância alguma, ser questionados.

A emergência de extremismos, seja ela à esquerda ou à direita, é absolutamente condenável e apenas resultará num impensável retrocesso que tende a recentrar cada vez mais no ser humano toda a atenção relegando para plano secundário a emergência climática e a urgente e necessária compreensão de que no centro da nossa preocupação deve estar o papel que ocupamos na natureza o qual, por comportamentos recentes e reiterados, nos leva ao comprometimento do futuro das novas gerações, à extinção massiva de espécies e a um iminente colapso de toda uma Sociedade.

Abril é Solidariedade. Deve ser também a proteção dos mais vulneráveis, deve assentar em bases sólidas que a todos permita o conforto de entender que se um dia mais cinzento chegar podemos contar com uma solidariedade que não se baseie na esmola, mas numa Sociedade alicerçada na dignidade, na proteção de todos e para todos.

Almada é um município de Abril. Mas está ainda muito longe de ser para aqueles que aqui vivem, o reflexo pragmático de todos aqueles valores. Almada quer ser um destino turístico de exceção, quer atrair emprego e investimento. Mas tem, antes de mais, de dar resposta àqueles que cá habitam. Lembrar que todas as noites, são ainda muitos os que não têm um teto, que vivem em condições precárias, que não têm o que comer.

2021 marca, para todos os agentes políticos, mais um importante teste. O afastamento dos cidadãos da vida política, medido de forma expressiva pelos inaceitáveis níveis de abstenção, deve a todos convocar para uma profunda reflexão. Uma reflexão acerca do clima de constante guerrilha política estéril que apenas cansa e que instiga os mais obscuros populismos, descredibilizando de forma generalizada as forças partidárias e afastando de modo quase irreversível os cidadãos de uma tão nobre atividade como a política.

Que hoje se celebre a conquista histórica da Liberdade. Mas que se tenha presente o tanto que há por fazer, o tanto que não está a ser bem feito. Que se viva Abril todos os dias, em cada uma das suas mais complexas e mais profundas vertentes e dimensões. É esse o melhor tributo que podemos prestar àqueles que por tão nobres conquistas se sacrificaram. É esse o desafio que devemos ter, hoje e sempre, a coragem de abraçar."

5.3 – A Senhora Deputada Municipal Inês Bom (BE):

"Senhor Presidente, Senhores/as Deputados/as Municipais;

No ano em que nasci comemoravam-se os 20 anos do 25 de Abril. Sou, portanto, de uma geração que não viveu Abril de 1974, mas cuja vida foi profundamente determinada por ele. Tivesse eu nascido no tempo da ditadura e provavelmente eu e a minha mãe não teríamos sobrevivido ao parto, não fosse o Serviço Nacional de Saúde e não sei se teria sobrevivido à infância. Não teria estudado 12 anos na escola pública, sendo rapariga provavelmente não teria estudado de todo. Não teria ido para a faculdade pública e não seria hoje uma mulher formada e independente com trabalho e vida própria.



Era assim que viviam os de baixo antes do 25 de Abril, com fome e descalços, em casas sem chão. Mães que morriam no parto, crianças que morriam na infância. Pessoas que não sabiam escrever o próprio nome. Homens que iam para a guerra, morrer e ver morrer, gente que morria por lutar pela independência, um país de gente presa ou que desertava para não ser cúmplice da guerra, um país que explorava e colonizava.

Em nome do quê?

Em nome de um programa político cujo objetivo era sustentar os privilégios de uma elite económica e social feita de latifundiários, banqueiros, donos, patrões e colonos.

O 25 de Abril foi o momento dos de baixo dizerem basta, deixarem de viver curvados e exigirem a dignidade das suas vidas. Foi o dia em que povos colonizados conseguiram libertar-se e exigir o reconhecimento da sua independência.

Somos muitos na minha geração a sentir o saudosismo deste tempo não vivido, mas que reconhecemos como nosso, nas canções, nas histórias e nas lutas de hoje. Choramos ao ouvir a Grândola ou ao descer a avenida da Liberdade e reconhecemos no vermelho dos cravos a cor da felicidade. A história, essa máquina do tempo, tem isso de bonito, consegue transportar-nos para sítios e locais que nunca vivemos e sentir a sua magia e importância.

Somos por isso profundamente gratos aos militares de abril, a todos os homens e mulheres que deram as suas vidas, que foram presos ou torturados, que foram obrigados a fugir do país por não compactuarem com um regime fascista, pelos que viveram clandestinamente. O 25 de Abril não teria sido possível se a resistência não se tivesse sido mantida durante os 41 anos do Estado Novo.

Mas somos também profundamente gratos aos guerrilheiros e guerrilheiras, dos territórios ocupados de Angola, Moçambique. Guiné-Bissau e Cabo-Verde, que sofreram a expressão máxima das atrocidades do antigo regime e que iniciaram uma guerra de libertação que no fim nos libertou a todos. Também eles, tantas vezes esquecidos ou propositadamente ignorados, são os protagonistas do 25 de Abril.

O 25 de Abril trouxe a liberdade de imaginar um país diferente e as pessoas construíram um país mais justo e mais solidário. Construíram com as suas mãos, escolas e hospitais, casas com condições para todos, transformaram as antigas fábricas e latifúndios em cooperativas, porque sabiam que o que era produzido deveria ser repartido por quem o produzia. Criaram associações recreativas, culturais, desportivas e musicais, por sentirem a necessidade da cultura. Criaram uma democracia plena.

Mas nem o 25 de Abril nem os últimos 47 anos de democracia conseguiram acabar com marcas de uma sociedade conservadora. As narrativas luso-tropicalistas e de bom colonizador conseguiram implementar-se como predominantes. O racismo, o machismo ou a homofobia, são problemas que ainda hoje estão bem vivos e nos deviam envergonhar.

Nos últimos, o forte estado social construído com a Revolução dos Cravos tem sido desmantelado em nome das lógicas neoliberais. Muitas pessoas ficaram desprotegidas, num sistema que sentem que não as representa. Falta cumprir Abril se há pobreza, se há pessoas sem casa, se há pessoas com fome, se o Serviço Nacional de Saúde está ameaçado, se há jovens que não vão para a faculdade por falta de recursos financeiros. A exploração e escravatura voltou ao Alentejo e até aqui em Almada são criminalizadas pessoas por não terem casa.

Graças ao 25 de Abril, a geração dos meus pais viveu melhor do que a dos meus avós. A minha geração não teve essa sorte.

Já vivemos duas crises, somos os mais afetados pelo desemprego e empregos precários, não conseguimos acesso à habitação. O nosso país não é pobre, é sim, profundamente desigual. E nós só queremos o direito a ter um futuro.

O 25 de Abril é o dia mais bonito do ano, mas não foi um dia consensual.

Talvez por querermos deixar o passado para trás, fizemos por esquecer que o 25 de Abril não foi desejado por todos. Nós estivemos todos do mesmo lado e as vozes que durante anos se mantiveram caldas, andaram a



MUNICÍPIO DE ALMADA Assembleia Municipal

semear o seu retorno. Hoje, ressurgiram das cinzas para nos lembrar que mais do que um dia o 25 de Abril é um processo dos dias todos. O 25 de Abril foi um dia na longa história do movimento progressista. Muitos outros dias o antecederam e muitos virão, tenhamos nós a capacidade de os criar. Não desistir nunca é o compromisso de quem não se conforma com a injustiça e pobreza. É um começo e recomeço constante.

Perguntava-nos o Zé Mário Branco “Quantas vezes já tentamos nós? 914? Ainda não, 606? Ainda não. Mas talvez quem sabe 10, 20, qual é o preço da esperança? Acordai, acordai homens que dormis a embalar a dor dos silêncios vis. Vinde no clamor das almas viris arrancar a flor que dorme na raiz! Estamos de punhos fechados, mas temos as mãos nos bolsos.... Então? Mudar de vida? Mudar de vida

Mudar de vida ...”

Viva o 25 de Abril sempre, fascismo nunca mais.”

5.4 – O Senhor Deputado Municipal António Francisco Salgueiro (PSD):

“Senhor Presidente, Senhores/as Deputados/as Municipais;

Comemora-se hoje o 47º aniversário da Revolução de Abril, que constituiu um dos momentos mais marcantes para a história de Portugal e para os portugueses já que com esse acontecimento terminaram os 48 anos da ditadura e garantiram-se os mais elementares direitos, liberdades e garantias a todos os cidadãos tendo por objeto uma sociedade verdadeiramente democrática.

Comemora-se também hoje o Dia da Liberdade e ele é sinónimo da liberdade de expressão, de opinião e de ação e constitui um pilar essencial da Democracia.

O 25 de abril de 1974, permitiu-nos também ter a coragem para a mudança, a persistência do diálogo e sobretudo a possibilidade de escolha.

É essencial que se mantenham escancaradas as estradas da liberdade, para que se torne sentida por todos e que se observe a construção de uma conversação séria e transparente, que deverá significar também um compromisso com as gerações futuras.

Nós, no PPD/PSD, mantemos uma atuação personalista, mas também realista e livre de espartilhos ideológicos, encarando os grandes desafios que se nos colocam, mas sempre com o espírito de abertura ao debate democrático.

Por vezes há quem afirme que as gerações vindouras não concedem grande importância ao 25 de Abril de 1974, considerando que esse ato histórico é pertença dos mais velhos que viveram esse acontecimento na época, mas também é por isso muito importante que todos os anos se possa celebrar Abril.

Nunca é demais lembrar Abril!

No último ano temos vivido momentos complexos e que têm colocado à prova a nossa capacidade de resiliência e de enfrentar e ultrapassar as grandes adversidades criadas por esta pandemia que assolou o mundo e que nos tem impedido de fazer uma vida considerada normal.

A segurança das pessoas foi e será sempre a nossa prioridade e neste período a Câmara Municipal procurou acautelar os problemas sanitários protegendo sobretudo os mais vulneráveis.

Nesta ocasião, atribuíram-se também variadas formas de apoio tendo em vista o reforço dos setores mais afetados pelas limitações impostas pelos sucessivos estados de emergência e criaram-se condições para a realização de rastreios e apoio à vacinação.

Esperamos que esta pandemia seja ultrapassada rapidamente, para que a memória do 25 de Abril se possa manter atual e viva nos corações de todos os portugueses e temos de agradecer aos Capitães de Abril por nos terem concedido esta oportunidade de viver em democracia e em liberdade.

Foram eles que nos conferiram o direito de nos manifestarmos e termos opinião.



Porém, queremos também aproveitar nesta ocasião a oportunidade de manifestar que o PPD/PSD durante este mandato autárquico mostrou ser um fator de estabilidade na governação da autarquia e demonstrou ter capacidade de fazer obra e, para além disso desenvolvemos uma relação de apoio e respeito para com todos os trabalhadores municipais e também de proximidade e disponibilidade para ouvir os cidadãos.

Cumprir Abril, também é persistir na aposta na ecoeficiência, nas tecnologias limpas e na valorização dos recursos naturais. É o empenho na Economia Verde e Circular.

É a defesa dos Direitos dos Animais, promovendo a melhoria a construção do novo Centro de Bem Estar Animal e a resolução de uma vez por todas do problema do Canil da Aroeira.

Cumprir Abril é igualmente apostar no desenvolvimento do empreendedorismo de base local, tirando partido da criatividade e dos talentos, bem como das infraestruturas e dos recursos naturais existentes.

Cumprir Abril é continuar a apostar em medidas de apoio à família, à infância e à natalidade. É a luta contra o isolamento dos idosos, procurando reforçar a sua participação cívica, social e cultural. É também o combate à pobreza e à exclusão social, assegurando o envolvimento de todos os que no plano público e privado, estão no terreno e assegurem a igualdade de oportunidades a todos os cidadãos.

Cumprir Abril também é continuar a desagregar a carga fiscal que incide sobre os munícipes, nomeadamente no que respeita à Derrama, à participação no IRS, no IMI e no IMI familiar, baixando os impostos sobre o rendimento das pessoas.

Cumprir Abril é também apostar na inovação digital, geradora de mudanças estratégicas para criar oportunidades e novas perspetivas que fomentem a digitalização dos serviços públicos e plataformas digitais que aumentem a participação e identificação de problemas no Concelho por parte dos munícipes.

Para nós, cumprir Abril é continuar a requalificar a rede viária e o espaço público. É continuar o combate às alterações climáticas e à destruição do litoral.

Mas para se cumprir Abril é também fundamental que se acabe com as barracas que existem no nosso Concelho dando continuidade à política de habitação social que já se iniciou.

Cumprir Abril em Almada, é implementar planos de curto, médio e longo prazo, que possam definir metas específicas que levem ao desenvolvimento sustentável do nosso Concelho e sobretudo que proporcionem a melhoria de vida dos nossos concidadãos, que é sim a nossa obrigação e o nosso dever enquanto autarcas.

É por isso que para nós, colocamos sempre em primeiro lugar o Município de Almada e a vida de todos os seus munícipes.

Nós continuamos a acreditar em Almada!

Vamos continuar a trabalhar com responsabilidade, dedicação e motivação, renovando o nosso compromisso com os cidadãos de fazer de Almada um Concelho cada vez melhor para se viver, trabalhar, investir e visitar.

Viva o 25 de Abril!

Viva Almada!

Viva Portugal!

5.5 – O Senhor Deputado Municipal Ivan Gonçalves (PS):

“Senhor Presidente, Senhores/as Deputados/as Municipais;

Há 47 anos o Movimento das Forças Armadas, antes designado por Movimento dos Capitães, teve a ousadia de pôr fim a 48 anos de ditadura que abriu caminho à liberdade que hoje comemoramos.

É para estes homens, militares, a maioria deles jovens, que deve ir o nosso primeiro reconhecimento.

Com as primeiras eleições livres, exatamente um ano depois, e com a aprovação da Constituição da República Portuguesa, no ano seguinte, essa liberdade foi definitivamente conquistada e consolidada.



MUNICÍPIO DE ALMADA Assembleia Municipal

Iniciou-se então o caminho para o Portugal moderno, de paz e de democracia. Mas também para o Portugal Europeu, aberto ao mundo, que deixou para trás o “orgulhosamente sós” de outros tempos.

A guerra, a ausência de liberdade de expressão, os presos políticos, a impossibilidade de escolhermos quem nos governa, a subalternização legal do papel da mulher, a realidade do analfabetismo e uma das maiores taxas de mortalidade infantil da Europa, são hoje, felizmente, uma realidade distante.

Na construção e no desenvolvimento económico e social deste Portugal – livre, democrático e europeu – que tem recuperado parte do seu atraso estrutural, esteve também o poder local democrático e os seus autarcas, que sempre foram capazes de demonstrar uma enorme resiliência e uma entrega à causa pública, muitas vezes sem as condições que seriam adequadas para o exercício das suas funções.

Esta dedicação, que é transversal a todas as forças políticas democráticas, merece o nosso reconhecimento e é também um bom exemplo do que são instituições ao serviço do povo e dos seus anseios.

A democracia só resiste quando tem o apoio do povo, mas não nos iludamos.

A proximidade entre eleitos e eleitores, útil e necessária para a melhoria da qualidade da nossa democracia, não pode ser confundida com o discurso que é protagonizado por aqueles que desprezam o povo, a democracia, o estado de direito e que usam a crescente descrença nas instituições como instrumento para a tomada de poder.

Aqueles que apelidamos de populistas, nacionalistas ou novos fascistas são, atualmente, a maior ameaça ao nosso sistema político, ao multilateralismo, a um mundo aberto, cosmopolita, tolerante, respeitador das diferenças e das liberdades individuais.

Esta onda populista, que tenta colocar o povo em confronto com as instituições democráticas, que pretende ser uma imagem da política do futuro, não é mais do que um retrocesso civilizacional a tempos bafientos a que não queremos voltar.

A história tem-nos demonstrado não ser unidirecional: perante avanços há sempre possibilidade de retrocessos e as conquistas democráticas não são exceção.

Mas o desenvolvimento de uma democracia plena pressupõe tolerância e respeito pelos outros, pelas suas ideias e pelas suas opiniões, mesmo quando são discordantes das nossas.

E senhoras e senhores, ao longo destes quase 4 anos, respeito e tolerância tem sido algo que por diversas vezes faltou aos partidos que se assumem como estando consistentemente e permanentemente contra a governação do município.

Esta cultura quase sectária tem diversas manifestações, desde provocações pouco saudáveis no debate político, até inclusivamente à convocação de reuniões por forma a inviabilizar a participação dos eleitos do Partido Socialista.

Manifesta-se também pela sistemática tentativa de impedir, mesmo nos períodos mais agudos da crise pandémica, que os Deputados Municipais possam fazer uso de ferramentas virtuais (conforme previsto na lei) para exercerem o seu mandato.

Nem o respeito que nos devem merecer os profissionais de saúde que na linha da frente têm dado o seu melhor para salvar os seus doentes, ou o exemplo que os eleitos locais devem dar à população para que se diminuam os riscos de contágio com COVID-19, foram suficientes para que estes partidos abandonassem as suas posições de intransigência.

Mas também nas Assembleias de Freguesia onde o Partido Socialista é oposição, eleitos que são excluídos das comemorações do 25 de abril ou eleitos que são ameaçados com processos judiciais por estarem a cumprir a sua função de escrutínio dos executivos são, ainda hoje, uma triste realidade.

A tudo isto, respondemos e responderemos sempre da mesma forma: com tolerância e com respeito por todos – mesmo por aqueles que se arrogam como os verdadeiros e únicos intérpretes da vontade popular.



E, definitivamente, com mais transparência e com reforço da democracia:

Com a melhoria das condições de que os Partidos da oposição dispõem para fazer o seu trabalho;

Com a transferência de mais competências para as Juntas de Freguesia;

Com a criação de mais instrumentos de participação dos cidadãos e, especialmente, com a criação de instrumentos de participação dos mais jovens – aqueles que terão no futuro a missão de preservar o sistema democrático: Assembleia Municipal Jovem, Orçamento Participativo Jovem ou Conselho Municipal de Juventude, que apesar de ser obrigatório por lei desde há mais de uma década, pura e simplesmente não existia em Almada.

Mas não é só no reforço da democracia e da transparência que Almada progride.

O nosso Concelho deixou de ser um território com um potencial eternamente adiado. É hoje uma terra dinâmica, onde os seus habitantes veem o espaço público ser requalificado, onde finalmente teremos redes de mobilidade adequadas e transportes públicos eficientes.

Onde escolas estão a ser reabilitadas para que alunos possam estudar com condições ou onde estão a ser potenciadas as instituições de ensino superior, com investimentos que vão permitir que empresas dinâmicas aqui se fixem, que desenvolvam a economia do Concelho e que gerem emprego de qualidade.

Que está a tentar resolver o problema das barracas, construindo nova habitação, sempre no cumprimento das Leis da República, um fator fundamental para o desenvolvimento da democracia.

Almada é um território de muitos, que hoje acolhe milhares de novos almadenses, portugueses e estrangeiros, que aqui procuram ter uma vida realizada, que contribuem para que Almada seja cada vez mais um Concelho cosmopolita e de progresso.

Uma terra que está a combater a maior crise sanitária dos últimos cem anos, mas que está a preparar o futuro. Tendo em conta os cujos efeitos económicos e sociais que, ainda, verdadeiramente imprevisíveis desta crise sanitária e tendo também em conta, obviamente, a crise climática e os seus efeitos no nosso território.

Estes são desafios que exigem o empenho de todos, o empenho em construir mais pontes e menos muros, com tolerância, com respeito, com o espírito aberto de quem quer deve querer o melhor para Almada e para os almadenses.

Cada qual com as suas ideias, porque celebrar a democracia é isso mesmo: garantir a diversidade de opiniões, a possibilidade de divergência, trabalhando para que consensos possam ser alcançados, mas não abdicando da vontade transformadora que pode ser concretizada pela vontade da maioria, expressa pelo voto popular.

Honremos por isso abril e continuemos a lutar, para transformar o mundo e por fazer de Almada um Concelho à altura do seu enorme potencial, para continuar a mudança que está em curso e que se sente, porque Almada não quer regressar ao passado.

Viva a democracia, viva a liberdade,

Viva o 25 de abril, viva Almada!"

5.6 – O Senhor Deputado Municipal João Geraudes CDU:

"Senhor Presidente, Senhores/as Deputados/as Municipais;

A Revolução de Abril constitui uma realização histórica do povo português, um ato de emancipação social e nacional.

O 25 de Abril de 1974, desencadeado pelo levantamento militar do Movimento das Forças Armadas, de imediato apoiado e acompanhado por um empolgante levantamento popular, transformou profundamente toda a realidade nacional.



MUNICÍPIO DE ALMADA Assembleia Municipal

Culminando uma longa e heroica luta do Povo Português, pôs fim a 48 anos de ditadura fascista, restituiu a liberdade aos portugueses, e realizou profundas transformações democráticas, consagrando direitos fundamentais, e impulsionando transformações económicas e sociais de grande dimensão e impacto.

O Poder Local é parte integrante do regime democrático. É uma conquista que viu consagrados na Constituição da República os seus princípios essenciais. Um Poder Local que é, enquanto instância do poder democrático do Estado, amplamente participado, plural, colegial e democrático, dotado de uma efetiva autonomia administrativa e financeira.

Afirmamos mesmo que o Poder Local é uma das mais belas, exaltantes e sólidas conquistas de Abril.

O Poder Local Democrático é um dos pilares essenciais – quando não, em tantas e tantas situações, de todos o pilar mais importante – onde repousa o desenvolvimento, o progresso e a melhoria da qualidade de vida que, não obstante atrasos estruturais que permanecem e que importa ultrapassar, os portugueses e as portuguesas alcançaram ao longo dos 47 anos de Democracia, e em particular nos 45 anos de vigência da Constituição.

Comemorar Abril, relevando o papel central que o Poder Local desempenha enquanto conquista desse momento ímpar da nossa história coletiva, exige ao mesmo tempo que lhe sejam reconhecidas, e sobretudo sejam respeitadas, as condições indispensáveis ao exercício pleno das suas atribuições e competências.

Não basta tecer elogios ao Poder Local, se não lhe forem conferidos os meios que garantam a sua autonomia e os recursos que assegurem o pleno exercício das suas responsabilidades e atribuições.

Não basta repetir loas à descentralização e, ao mesmo tempo, manter bloqueada a criação das regiões administrativas que, 45 anos depois de consagração constitucional, continuam por cumprir.

Não basta enaltecer a capacidade de realização das autarquias locais, quando se visa transferir competências sem os meios financeiros correspondentes, prosseguindo um processo que se vem revelando, sobretudo, como um processo de desresponsabilização do Estado por funções que lhe competem, e de transferência de encargos para as autarquias.

Não basta falar das vantagens da proximidade, quando se pretende, afinal, alijar responsabilidades centrais, teimando, ao mesmo tempo, em recusar a reposição dos órgãos autárquicos e devolver ao povo as mais de mil freguesias liquidadas contra a vontade das populações.

As comemorações da Revolução de Abril, no ano em que se assinalam os 45 anos da Constituição da República, devem constituir momento de afirmação do Poder Local Democrático e daquilo que ele representa como espaço de realização de direitos e aspirações populares, num quadro de ampla participação dos cidadãos na causa comum. Um momento de afirmação da democracia, tanto mais atual quanto se desenham e se assumem abertamente projetos reacionários e antidemocráticos.

As comemorações da Revolução de Abril, neste ano particularmente difícil, devem constituir igualmente momento para enaltecer e sublinhar o papel insubstituível que o Serviço Nacional de Saúde assumiu e assume no combate e contenção da pandemia, num contexto de responsabilidade individual e coletiva, e de Liberdade, que apenas o regime democrático tem condições para garantir.

Comemorar Abril é também, nas atuais circunstâncias, uma afirmação de confiança no futuro, mostrando que a vida pode e deve prosseguir criando todas as condições de prevenção e proteção, e apontando o sentido da vivência coletiva, de partilha e de participação como indispensáveis à realização humana e à felicidade.

Viva o 25 de Abril, viva Almada.”

5.7 – O Senhor Presidente da Assembleia Municipal:

“Senhora Presidente, Senhores/as Deputados/as Municipais;

Permitam-me que, tal como fiz tantas vezes em anos anteriores, inicie esta intervenção, na sessão solene comemorativa do 47.º aniversário do 25 de Abril, recordando e homenageando os Capitães de Abril que,



interpretando os superiores interesses de Portugal, derrubaram o regime fascista que durante 48 anos oprimiu o país.

Às primeiras horas de 25 de Abril de 1974, Almada, terra de trabalhadores e resistentes, viu chegar a coluna da Escola Prática de Infantaria de Vendas Novas, que atravessou a cidade e se foi instalar no terreiro do Cristo Rei. Lá cavaram trincheiras e prepararam os canhões, protegendo o estuário do Tejo e a Praça do Comércio em Lisboa.

Horas depois impediram que a Fragata Gago Coutinho, ainda às Ordens da ditadura, bombardeasse a baixa da capital.

Convocado pelo gesto libertador dos militares, o povo de Almada, herói coletivo de décadas de sofrimento e resistência, ocorreu levando aos Soldados e Oficiais apoio e alimentos.

Entretanto, frente ao Quartel do Carmo, Salgueiro Maia e os seus homens forçavam o regime fascista à rendição.

As palavras de Francisco Sousa Tavares, proferidas na altura, não mais se apagaram da minha memória:

“Começa hoje uma vida nova. Uma vida de liberdade e de auto consentimento da vida pública por todos nós.”

“Vencemos! Liberdade” — respondia o povo.

47 anos depois, o que resta de Abril?

Resta muito.

A Democracia Política está consolidada. As liberdades estão consagradas na lei e são sentidas por muitos, que não conheceram a ditadura, como algo de natural e inquestionável.

A Guerra Colonial terminou pouco após do 25 de Abril, pondo-se fim à sangria da juventude portuguesa.

O PIB per Capita, calculado a preços constantes, mais que duplicou.

A vida melhorou:

Triplicámos o número de Médicos;

A esperança média de vida à nascença passou de 68 para mais de oitenta anos;

A taxa de mortalidade infantil, indicador muito relevante quanto às condições de vida e de saúde das populações, passou de 38 por mil para 2,8% por mil, esta é aliás, uma grande vitória da revolução.

A taxa de escolarização no ensino secundário passou de 8,7% para praticamente 100% nos nossos dias. Aliás, o Ensino Secundário é obrigatório.

A paz, o pão, a saúde, a educação...

Estará cumprida a ambição de Abril?

O nosso país já não é o mesmo. Nós, que conhecemos as condições em que trabalhava e vivia o povo retratado por Alves Redol, por Manuel da Fonseca ou por Fernando Namora, sabemos quão longo foi o caminho.

Mas muito falta. Muitos são os perigos com que nos confrontamos.

Numa sondagem publicada na sexta-feira passada, tomámos conhecimento que apenas pouco mais de metade dos portugueses considera que vivemos numa democracia plena ou com pequenos defeitos. Três quartos desconfia dos políticos. 45% desvaloriza as eleições.

Sobe a voz na sociedade daqueles que negam a democracia, que está a ser desafiada como nunca foi desde a entrada em vigor da Constituição de 1976.

À democracia formal, cuja importância só é desvalorizada por quem não viveu a sua privação, têm de se acrescentar permanentemente novos aprofundamentos, novos campos de participação dos cidadãos, na



MUNICÍPIO DE ALMADA Assembleia Municipal

discussão dos assuntos comuns, nas tomadas de decisão e no acompanhamento da atividade dos agentes políticos quer das estruturas administrativas ao nível central, quer do poder local democrático.

Uma nova agenda, progressista e moderna, convoca todos os portugueses:

- É imperioso ultrapassar a crise económica, social e financeira, agravada pela Pandemia.
- Relançar a economia nacional apoiada num processo de reestruturação que afaste o paradigma de mão-de-obra intensiva e valorize a incorporação do conhecimento e da tecnologia.
- Trabalhadores mais qualificados e empresas mais inovadoras, tirando partido da investigação e da articulação com as universidades, competitivas no mercado globalizado dos nossos dias, reconversão energética e respeito ambiental são os pilares do desenvolvimento do Século XXI.

O 25 de Abril comemora-se perspetivando o futuro e aprofundando o seu legado. Não somos daqueles que entendem haver conquistas acabadas, imutáveis e perfeitas, que há que preservar a todo o custo.

Em cada dia, em cada ano, devemos saber interpretar os superiores interesses do povo e do país e batermo-nos por eles, como fizeram os capitães de Abril, contribuindo cada um de nós, à medida das nossas forças, para que a sociedade e o mundo que vamos legar aos nossos filhos e aos nossos netos, seja mais livre, mais justo e mais fraterno que aquele que recebemos.

Viva o 25 de Abril

Viva Almada

Viva Portugal.”

5.8 – A Senhora Presidente da Câmara Municipal:

“Senhor Presidente, Senhores/as Deputados/as Municipais;

Começo por partilhar a alegria após um ano particularmente duro e desafiante, de aqui estarmos mais uma vez a celebrar juntos e presencialmente, em Sessão Solene o 25 de Abril.

Alegria em recordar essa manhã, em que um grupo de Capitães e depois um mar de vozes livres, como cantava Ary, fizeram das espingardas livros para aprendermos a ler.

A Revolução de Abril, que nos trouxe liberdade e democracia faz 47 anos, quase tantos quanto a ditadura que derrubou. Por isso, comemorar hoje o 25 de Abril, não é apenas recordar um dia feliz para o povo português, comemorar Abril, traz consigo a responsabilidade de transformar a esperança em realidade como disse Salgado Zenha na primeira Sessão Solene Comemorativa do 25 de Abril, em 1977, na Assembleia da República. Pois a liberdade não é só a abolição da tirania.

Abril é o momento fundador da nossa democracia, da Constituição que todos nós eleitos juramos cumprir. Por isso, é tão importante reconhecer neste momento a solenidade que ele merece.

A esperança transformada em realidade, trouxe-nos o Estado Social e a alternância democrática. O Poder Local Democrático, a Europa, a Liberdade Sindical, e a imprensa livre. Mas cumprir Abril, essa esperança transformada em realidade, faz ainda e sempre na luta pela igualdade de género, na luta contra todas as formas de discriminação, na defesa da liberdade, da igualdade, da solidariedade, e da tolerância, do respeito pela diversidade, pelo ambiente.

A madrugada do 25 de Abril de 1974, fez dos sonhos uma realidade, mas não se esgotou, não se esgota, não se pode esgotar nessa mesma madrugada.

Abril, abriu as portas do progresso, conceito nobre, que estranhamente quase desapareceu do nosso leque de ciclo público, mas que a nós compete, legítimos representantes da vontade do povo na nossa diversidade manter vivo.



Há uma frase de Leon Stoy que gosto muito, não alcançamos a liberdade, buscando a liberdade, mas sim a verdade. A liberdade não é um fim, mas uma consequência.

E outra de Carlos Drummond de Andrade, que é um alerta que não devemos esquecer, A conquista da liberdade, é algo que faz tanta poeira que por medo da bagunça, preferimos normalmente a arrumação.

47 anos após a revolução dos cravos, a memória direta desse dia, vai-se naturalmente esfumando, por isso aumenta a responsabilidade dos que defendem e representam a democracia.

Temos de saber cumprir e manter abertas as portas que Abril abriu. Em tempos de incertezas como os que vivemos, temos a obrigação de lutar pela verdade e não deixar crescer os medos que poem em causa essa liberdade tão duramente conquistada.

A democracia constrói-se todos os dias, e em Almada assim o temos feito.

Temos construído um Concelho cada vez mais participado e aberto à sua população, garantindo que qualquer cidadão pode acompanhar o funcionamento dos órgãos municipais e garantindo que os cidadãos têm no seu orçamento municipal uma verba que é só sua. Temos construído um Concelho cada vez mais igual e mais justo, garantindo que tratamos cada território com a dignidade que merece e garantindo que as funções sociais da autarquia, obedecem a regras claras para todos.

Temos construído um Concelho cada vez mais progressista, em todas as vertentes desta palavra – garantindo que qualquer cidadão, no pleno exercício da sua liberdade individual, é tratado com a mesma dignidade, e garantindo que temos um Concelho com olhos postos no futuro e no desenvolvimento da sua população, com projetos inovadores para quem já se tinha resignado ao abandono.

Nem sempre é uma construção fácil. Pois haverá sempre quem tema o progresso e anseie pela arrumação de ordens antigas.

Perto de metade deste mandato, será feito em Estado de Emergência ou em contexto de grandes limitações, mas isso não nos fez nem parar, nem deixar de cumprir os compromissos assumidos.

Como diz o povo quem corre por gosto não cansa.

E Almada não parou.

Mesmo nos momentos de maiores incertezas, as instituições democráticas continuaram sempre o seu trabalho. Mesmo quando uma crise sanitária nos obrigava e obriga a confinar, nunca as liberdades e o serviço público estiveram em causa.

A pandemia e as suas dificuldades vieram demonstrar quão essenciais foram as conquistas de Abril. Num momento de emergência sanitária, económica e social, o Estado Social, o Serviço Nacional de Saúde, a Escola Pública, e o Poder Local Democrático, mostraram quão imprescindíveis são é para a salvaguarda das populações e dos seus direitos.

Mas gestão desta crise não pode parar a construção do futuro que queremos para os nossos filhos, para o nosso território. Em que os valores de Abril não se proclamam, são o leme da nossa ação.

Um futuro cada vez mais justo, mais ambientalmente sustentável e inovador, mais confiante e transparente. Um Concelho para as suas gentes, voltado para o mundo, um Concelho que acompanha o progresso e que concretiza todas as suas potencialidades, um Concelho que é um território de muitos e onde todos contam, uma terra que cumpre o seu ideal.

Termino, no entanto, com um texto de um grande senhor, bem anterior ao 25 de Abril, Charles Chaplin, mas que é um pouco assustador na sua atualidade. “O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém nos extraviamos, a cobiça envenenou a alma dos homens, levantou no mundo as muralhas do ódio, e tem-nos feito marchar a pato de ganço para miséria e morticínios. Criamos a época da velocidade, mas sentimo-nos enclausurados dentro dela. A máquina que produz abundância tem-nos deixado em penúria. Os nossos conhecimentos fizeram-nos céticos, a nossa inteligência, empedernidos e cruéis, pensamos em demasia e



MUNICÍPIO DE ALMADA
Assembleia Municipal

sentimos bem pouco. Mais do que máquinas, precisamos de humanidade, mais do que inteligência, precisamos de afeição e doçura, sem essas virtudes a vida será a de violência e tudo será perdido”.

Senhor Presidente, Senhores/as Vereadores/as e Deputados/as Municipais, almadenses, estas palavras foram ditas num dos períodos mais sombrios da nossa historia. Não podemos deixar que elas ecoam como fazendo algum sentido hoje em dia.

Pois Abril foi e é liberdade e beleza, saibamos manter e defender a humanidade e a verdade.

O 25 de Abril sempre

Viva a Liberdade!

Viva o Progresso!

Viva Almada e Viva Portugal.”

6. Passou-se a um momento cultural, cantando em conjunto com os presentes a “Grândola Vila Morena”.

7 – Pelas 10 horas e 15 minutos deu-se por concluída a Sessão Solene Comemorativa do 47º Aniversário do 25 de Abril de 1974.

8 – Participaram na Sessão a Senhora Presidente da Câmara Municipal, Inês Medeiros, e os Senhores/as Vereadores/as Francisca Parreira, João Cuvaneiro, Teodolinda Silveira, Nuno Matias, Miguel Salvado, Joaquim Judas, António Matos e Luís Filipe Pereira.

9 - Foi verificada a presença na Reunião de cerca de 45 Senhores Munícipes.

10 - Por ser verdade se elaborou a presente Ata que, depois de lida e aprovada vai ser assinada pela Mesa.

O PRESIDENTE _____

O 1º SECRETÁRIO _____

A 2ª SECRETÁRIA _____